



imaginação e diversidade



imaginação e diversidade

imaginação e diversidade



ANDRÉ BELTRÃO CONTARDO CALIGARI CHISTIAN PARENTE DANIEL PIZA LUIZ BRAGA FERNANDO
BONASSO MARCIO SCAVONE INACIO DE LOYOLA BRANDAO MARCOS VILAS BOAS
MARCELO COELHO RICARDO TELES MAURICIO KUBRUSLY ROGERIO AFFONSO MOACIR SCLiar
ROGERIO REIS PAULO COELHO ZARELLA NETO ROBERTO SHINYAS RUBEM ALVES

imaginação **o** mundo!

© 2004 Editora TALENTO / AMA – Associação de Amigos do Autista
Todos os direitos reservados.

Concepção - equipe AMA

Ana Maria Serrajordia Ros de Mello

Helena Chen Ho

Kátia Bercito Sentieiro

Mariana Serrajordia Rocha de Mello

Marisa Fúria Silva

Mauro Ohara

Miguel Perrotti

Publicador

Robert H. L. Seadon

Coordenação Editorial

Heloisa C. M. Vasconcellos

Projeto Gráfico

Solange Salva

Arte

Revisão Beatriz de Freitas Moreira

Felipe Andery

Colaboração

Fujoka (manipulação de imagens)

Jonas (ampliações fotográficas)

Papel Couchê Suzano Matte L2

CTP / Impressão

Gráfica Senai

Acabamento RR

DONNELLEY-MOORE

ISBN 85-85062-59-2

É proibida a reprodução total ou parcial do livro,
por qualquer forma, sem prévia autorização, por escrito,
da Editora TALENTO.

AMA – Associação de Amigos do Autista

Rua do Lavapés, 1123

01519-000 – São Paulo – SP – Brasil

Tel./fax: (11) 3207-2363

ama@ama.org.br

www.ama.org.br

Editora TALENTO

Rua Des. Joaquim Celidônio, 33

01443-060 – São Paulo – SP – Brasil

Tel./fax: (11) 3816-1718

talento@talento.com.br

www.talento.com.br



imaginação   



APRESENTAÇÃO

Um dia, nosso grupo de amigos teve um sonho. Sonhamos um livro ao qual demos o nome de imaginação.

A imaginação, segundo o Dicionário Houaiss é “a capacidade de evocar imagens de objetos anteriormente percebidos e também a capacidade de formar imagens originais”. Ou seja, é através da imaginação que representamos de forma abstrata tudo o que percebemos do mundo que nos cerca, e é também através dela que exercemos nosso poder criador e nos transformamos.

Segundo alguns autores muito respeitados, o autismo é um distúrbio que compromete o desenvolvimento da comunicação, da interação social e do uso da imaginação. De serem estas capacidades tão essenciais vem a importância do trabalho da AMA e o fato deste livro ser tão especial.

Quando imaginamos este livro, pensamos em um livro que tivesse a participação de alguns dos maiores escritores brasileiros, e isto se concretizou de maneira muito mais simples que a imaginada. Os escritores foram de uma generosidade incrível.

Um livro com este nome tinha certamente que ter imagens e aí entraram fotógrafos maravilhosos que colaboraram com alegria, muitos deles trazendo fotografias com um forte significado pessoal, com imagens de filhos ou de locais de relação muito próxima com eles próprios.

Muitos amigos participaram de muitas formas e a todos queremos expressar a nossa enorme gratidão.

Agradecemos também a todos que, adquirindo esta obra de arte, estão colaborando com o trabalho da AMA.

A aqueles que o receberam de presente, nossos parabéns e a certeza de que este presente vai enriquecer muito a sua existência.

AMA

Um dia, um grupo de pais sonhou com a cura de seus filhos. Todos eles, os pais, haviam sofrido um golpe muito duro ao descobrir que seus filhos tinham autismo e provavelmente teriam sérias limitações pelo resto de suas vidas.

Estes pais, juntos, se empenharam em procurar os caminhos que levassem à cura, não importasse o quanto isso fosse exigir deles.

Vinte anos depois constataram que seu sonho não havia se realizado. Algo parecia ter dado errado, mas o incrível foi perceber que na verdade eles estavam realizando um outro sonho. Eles estavam construindo caminhos para que muitas outras crianças pudessem ter a oportunidade da reabilitação. Não da cura, é verdade, mas de encontrar a sua própria forma de viver com dignidade e com direito a todas as oportunidades possíveis.

Constataram ainda, que através dos caminhos de pesquisa encontrados, eles podiam ir melhorando cada vez mais as possibilidades e para casos mais difíceis as formas de adaptação se multiplicavam.

Estes pais acreditaram que o sonho no qual se encontraram vinte anos depois, era mais bonito e grandioso que o sonho que os havia levado a começar.

Todos sentiram que se a vida por um lado os havia colocado frente a um filho diferente do esperado e que a princípio parecia incompreensível, havia lhes dado por outro lado, acesso a sentimentos profundos e experiências tão ricas como só os que precisam de ajuda e os que oferecem a mão podem compreender.

Esta é a história da AMA – Associação de Amigos do Autista que em 2004 completou vinte e um anos, que é hoje uma referência nacional em autismo, foi premiada várias vezes, tem o reconhecimento internacional e presta atendimento direto a pessoas com autismo sem distinção.

A AMA atende pessoas autistas de todas as idades e de todos os níveis de comportamento e de inteligência. Ela precisa crescer e tornar seu projeto auto-sustentável, e para isto em 2003 criou o projeto AMA 20+20 do qual este livro é uma parte muito importante.

A AMA agradece a participação de todos neste projeto e espera que todos venham conhecer o seu trabalho.

PROJETO AMA 20+20

Em 8 de agosto de 2003 a AMA completou vinte anos de vida com motivos de sobra para se orgulhar de tudo que havia sido conseguido, mas ainda com muitos motivos de preocupação.

Embora a AMA tivesse reconhecimento internacional, contando inclusive com o apoio da Associação de Amigos da AMA em Estocolmo, Suécia, e embora tivesse recebido importantes prêmios, ajudado muitos pais no Brasil e até no exterior a compreender seus filhos, ainda havia muito por fazer.

O problema é que trabalhar pelo desenvolvimento de pessoas com autismo requer muita especialização e é bastante oneroso, e por isso ter amigos é tão necessário e importante.

Todas estas razões levaram à formação do grupo AMA Cultura que, como o nome já revela, pretende realizar os sonhos da AMA através de projetos culturais, pois a cultura é uma das maiores fontes comunicação, interação social e uso da imaginação que a nossa sociedade possui e, portanto representa a grande esperança para todos nós.

O AMA Cultura é um grupo aberto, formado por pais e amigos que se reúne na AMA periodicamente para trabalhar pelo autismo pelos caminhos da cultura.

O AMA Cultura elaborou no ano do vigésimo aniversário da AMA o projeto AMA 20+20 que atualmente trabalha para a construção do Centro de Reabilitação de Jovens e Adultos Autistas e por um projeto de Associação auto-sustentável.

Este livro é um marco do AMA 20+20, do qual você já está participando. Se quiser ampliar a sua participação sua presença será muito bem-vinda, e com certeza fará tão bem para você quanto para as pessoas com autismo.

PREFÁCIO

A viagem da imaginação

Paulo Sérgio Pinheiro

*Arrancava dos dedos pedacinhos de pele imaginários
Machado de Assis, Várias Histórias*

Prefácios são dispensáveis. Esse lugar comum neste livro vira verdade. Como prefaciara uma seleta dos autores mais imaginativos do país? Logo não é o caso de recolher aqui e ali, o que cada um disse nesses maravilhosos textos, contrastar um com outro, comentar, criticar. Seria esvaziar a magia de cada um deles e dos trabalhos de uma pleiade de fotógrafos que também contribuíram para este belo livro. Melhor centrar no próprio elo mágico e aterrador que une aqui esses escritores e fotógrafos, a imaginação. Que será tomada ao pé da letra, escavando longínquos sentidos dessa palavra¹. E alertar os leitores para o que os espera ao adentrar na leitura desse lindo livro. Somente a Associação de Amigos do Autista, AMA por jamais renunciar à imaginação do potencial desses seres maravilhosos que são as crianças e os jovens que têm autismo, que acolhe com tanta dignidade e carinho, poderia imaginar este livro e só esses autores e fotógrafos brilhantemente generosos poderiam atender tal apelo.

Palavra estranha, imaginação. Porque parte do que em latim poderia ser uma imagem, de santo, produto de uma obra, portadores de relíquias. Ao mesmo tempo, visão, inconsútil como a túnica de Cristo, sem costura, ou maciça como o caixão em Viagens da minha terra, de Almeida Garrett ou simplesmente diáfana. Do santo ao ectoplasma, a substância visível que emana do corpo do médium.

Porque a imagem pode ser representação, imitação: depois da precisão implacável dos daguerreótipos, nas primeiras fotografias as pessoas estão envoltas numa bruma a meio caminho entre a realidade e a imaginação. Reprodução de alguém, hoje ampliada para a clonagem, pelo menos para as ovelhas e porcos. Retratos, retratos de antepassados (em cera levada nos funerais como a criança morta do conto de Cornélio Penna ou em fotos cépias em camafeus esmaltados nos túmulos do cemitério S. João Batista, no Rio). Retratos colorizados de casais de avós, no Rio e na Índia. Esses estão mais perto da sombra dos mortos que nos cercam. Foram guardiões efêmeros da Terra que logo cederemos aos que virão e que nem conseguimos imaginar.

Visões que se vê, mas que a imaginação anterior ao ver é mais forte ainda como Manoel Bernardes descobrindo Roma no século XVII: “Em outra ocasião indo a Roma, nada quis ver de suas grandezas... e tão limpa

neste particular trouxe a imaginativa como se lá não fora”. Prefere o imaginado ao visto. Em vez de uma cidade pode ser a mulher: “Quando estás vestida, / Ninguém imagina/ Os mundos que escondes/ Sob as tuas roupas”, Manuel Bandeira, na Estrela da Vida Inteira. A imaginação está repleta de sombras, fantasmas, sonhos, aparição, espectros que povoam as cabeças de todas as crianças desses textos, misturando medo e maravilhar-se.

Aquele que imagina, o imaginoso, pode ter alucinações, alucinar que vai num continuo do errar, enganar-se, divagar, até sonhar, logo imaginar. Santa Teresa de Jesus dizia “A Imaginação é a louca da casa”. Já alertava no século XVI, Frei Antonio Feio, em seus Tratados Quadragesimais: “o pior estado que pode chegar uma alma, é alucinar tanto na verdade, que tenha os erros por acertos”. Quem alucina erra, engana-se, arrisca-se a ficar privado da razão, do entendimento, perder a razão. Nada mais próximo da imaginação que a alucinação. “Tu és a flor da Jurema/ Flor que embebeda e alucina” um poeta que quase ninguém mais lê, Luís Murat, em Ondas.

Evocações da memória, representação pelo pensamento confundem todos os limites entre o real e o imaginado. Que assume tal violência como no século XVII fazia Frei Antônio de Chagas dizer: “as ofensas dos amigos são feridas abertas porque são [...] padecidas primeiro, que imaginadas; olham-se e não se imaginam”. A dor pode preceder o imaginado.

O surpreendente, levado em conta toda a carga dessas palavras, para quase todos os mágicos textos deste livro as evocações da imaginação, não se assustem os leitores, são prazerosas. Há sempre a nostalgia de um retorno possível situado sempre na infância, donos da imaginação. Como as máquinas do tempo não estão disponíveis essas evocações nesses textos permitem viagens inesperadas, deslocamentos, passeios, viagens, navios, as casas da infância reais ou imaginadas, encontros não planejados. Fica a sensação que a imaginação volta ao passado pelo prazer garantido, não pela dor. Que fica para o que ainda está por vir e não se sabe, e recusamos imaginar, para sobreviver.

(Footnotes) 1 Todas as citações anteriores ao século XIX são de Machado, José Pedro, Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Lisboa, Livros Horizonte, 1987, vol. I e III, que descobri graças a Severo Gomes que volta e meia o usava. Com exceção daquela de Santa Teresa de Ávila que descobri em Montero, Rosa. A Louca da Casa. Rio de Janeiro, Ediouro, 2004. As citações de Garrett, Machado de Assis, Murat e Bandeira são de Holanda, Aurélio Buarque de Holanda, Novo Aurélio Século XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

SUMÁRIO

TEXTOS

FOTOGRAFIAS

- 1 CONTARDO CALLIGARIS
- 1 ANDRÉ BRANDÃO
- 1 DANIEL PIZA
- 1 CHRISTIAN PARENTE
- 1 FERNANDO BOMNASSI
- 1 EDUARDO SIMÕES
- 1 IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO
- 1 LUIZ BRAGA
- 1 MARCELO COELHO
- 1 MARCIO SCAVONE
- 1 MAURICIO KUBRUSLY
- 1 RICARDO TELES
- 1 MOACYR SCLiar
- 1 ROGÉRIO ALONSO
- 1 PAULO COELHO
- 1 ROGÉRIO REIS
- 1 ROBERTO SHINYASHIKI
- 1 ZARELLA NETO
- 1 RUBEM ALVES

Imagine...

O medo do escuro. Os pais, simpaticamente, decidiram deixar sempre uma luz acesa até que ele dormisse e apagá-la na hora de eles irem para a cama. Não funcionou: o menino, em vez de dormir, se esforçava para permanecer acordado esperando o momento fatídico em que os pais viriam e apagariam. E ficava no escuro, tremendo.

“Medo de quê?”, perguntavam os pais. O menino apresentava uma longa lista: fantasmas sentados num canto, serpentes e monstros embaixo da cama, extraterrestres voando ao redor do lustre invisível, aranhas venenosas e famintas se insinuando por baixo da porta e por aí vai. Para cada figura do terror, o pai prodigava explicações. Os fantasmas não existem e, se existissem, por que estariam atrás de você? Em baixo da cama não há nada, olhe bem. Aranhas assim só na África e nunca num apartamento do décimo andar. Não adiantava nada.

Um dia, os pais do menino viajaram, e o menino ficou sozinho com o avô. E o avô decidiu propor uma cura radical para o medo do escuro. Disse ao menino: “Vamos apagar todas as luzes da casa; eu vou ficar aqui, no fim do corredor, e você no começo, lá perto do banheiro. Você vai avançar no escuro até a mim e, enquanto avançar no escuro, você vai conversar comigo.” O apartamento tinha mesmo um corredor um pouco comprido, que, aos olhos do menino, era uma maratona; ainda mais considerando que, ao longo do corredor, abriam-se várias portas. E nunca se sabe o que pode nos espreitar atrás das portas, sobretudo no escuro. Mesmo assim, o menino topou.

Avançou dois passos e sabia que logo estaria na altura da porta da cozinha. O avô perguntou: “O que tem atrás da porta da cozinha?” E o menino respondeu: “Tem um monstro horrível que quer me pegar” e descreveu a cor, o tamanho, os dentes, as unhas do bicho. O avô: “Você não vai se defender?” “Claro que vou”, disse o menino. E começou a explicar sua luta para o avô.

Aos poucos, a travessia no escuro transformou-se num jogo fantástico, em que o avô e o menino inventavam esquivas perfeitas, golpes logrados, empurrões e derrotas dos monstros.

O medo do escuro do menino não passou de repente, mas, nos dias seguintes, foi diminuindo. Só que o menino não parava mais de inventar histórias extraordinárias de lutas contra dragões, extraterrestres, bruxas e serpentes. E isso não só de noite, na sua cama. Ele voltava da escola, sentava na mesa, recebia a pergunta habitual (“Como foi a escola hoje?”) e respondia contando batalhas heróicas que teriam acontecido no caminho de casa, nos banheiros da escola e mesmo, às vezes, durante as próprias aulas.

CONTARDO CALLIGARIS

Na hora de escrever redações, de um jeito ou de outro, com um certo desrespeito pelo tema proposto, ele só contava suas lutas. Redação: “Conte como foram suas últimas férias”. E o menino escrevia que, perto da casa de praia, um dia, um bicho enorme, meio ave meio crocodilo, surgira do nada e declarara que estava aí para devorá-lo e que, depois disso, devoraria a sua mãe e a sua irmã. Por sorte, o menino estava com sua espada (de plástico) e soube esperar o momento em que o bicho abriu as asas para jogar seu pescoço e seu bico dentado para frente. Aí, em vez de fugir, o menino avançou, passou por baixo do bico e enfiou sua lâmina bem no coração do monstro. Foi difícil evitar ser esmagado pelo corpo imenso do bicho, que ruiu gritando.

A professora começou a ficar preocupada. O que estava acontecendo com esse menino, que só contava lutas com monstros e, pior ainda, falava como se tudo fosse verdade? Ela convocou os pais do menino e explicou o que eles, de fato, já sabiam: o menino não estava aprendendo nada, pois, em vez de escutar e estudar, passava o tempo lutando. Certo, ele contava suas lutas muito bem, mas isso não bastava; faltava-lhe concentração e atenção; em matemática, era um desastre; em história, ele só memorizava os fatos à condição de complicá-los com encontros fantásticos. O problema de Napoleão não era com os ingleses, era com cada tipo de papão. O que fazer?

Os pais primeiro xingaram o velho avô. Logo, decidiram levar o menino para um psicoterapeuta, com o qual ele se deu muito bem, porque, de fato, tudo o que eles faziam juntos era inventar mais histórias.

Um dia, a mãe do menino veio conversar com o psicoterapeuta e perguntou: “Como vão as coisas? Ele (o menino) está melhorando? Vai melhorar?”. Queixava-se de que o menino não tinha uma série de qualidades que, enfim, são cruciais para viver, não é? Sem falar dos resultados escolares, que continuavam péssimos. O terapeuta respondeu: “Pois é, mas não dá para dizer que lhe falte imaginação”.

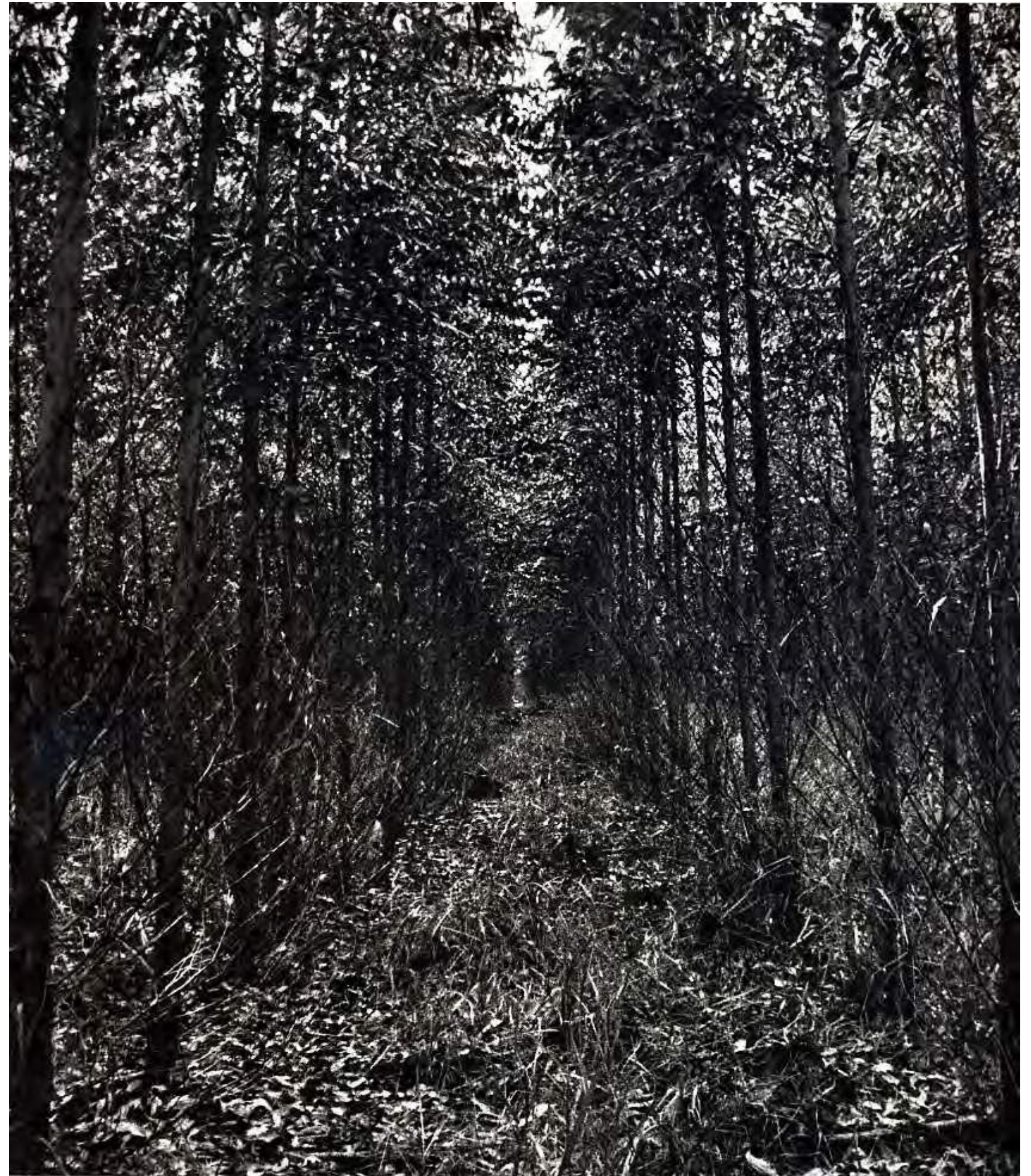
A mãe, na verdade, ficou feliz, pois, por uma vez, alguém lhe dizia uma coisa boa de seu menino. Alguém não se queixava dele; ao contrário, o terapeuta parecia admirar o menino.

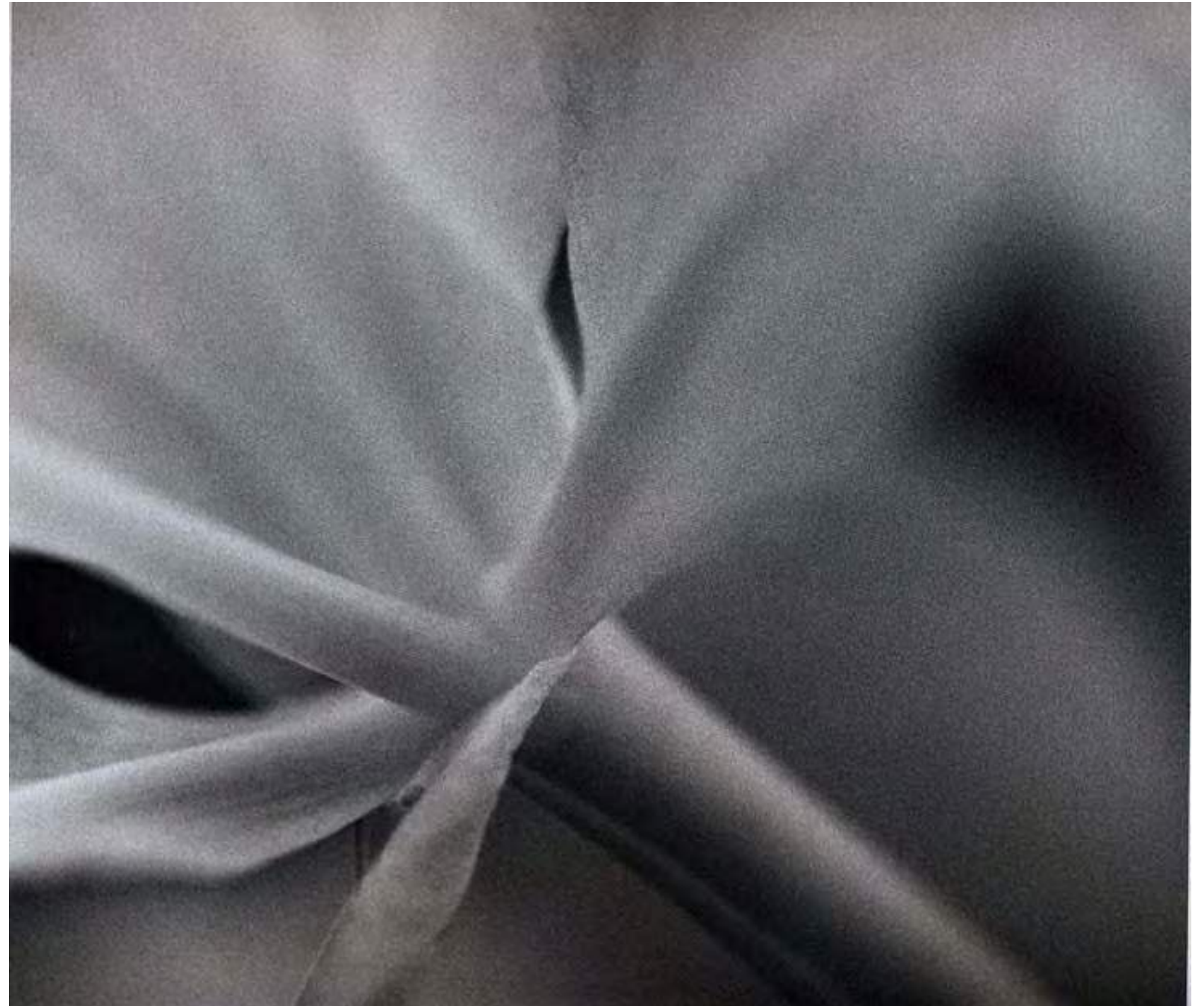
Não posso lhes dizer quem é, hoje, o menino. Mas muitos de seus conterrâneos lêem as histórias que ele continua contando.

(Contardo Calligaris, psicanalista, doutor em psicologia clínica, colunista da “Folha de São Paulo”, ccalligari@uol.com.br)

ANDRÉ BRANDÃO











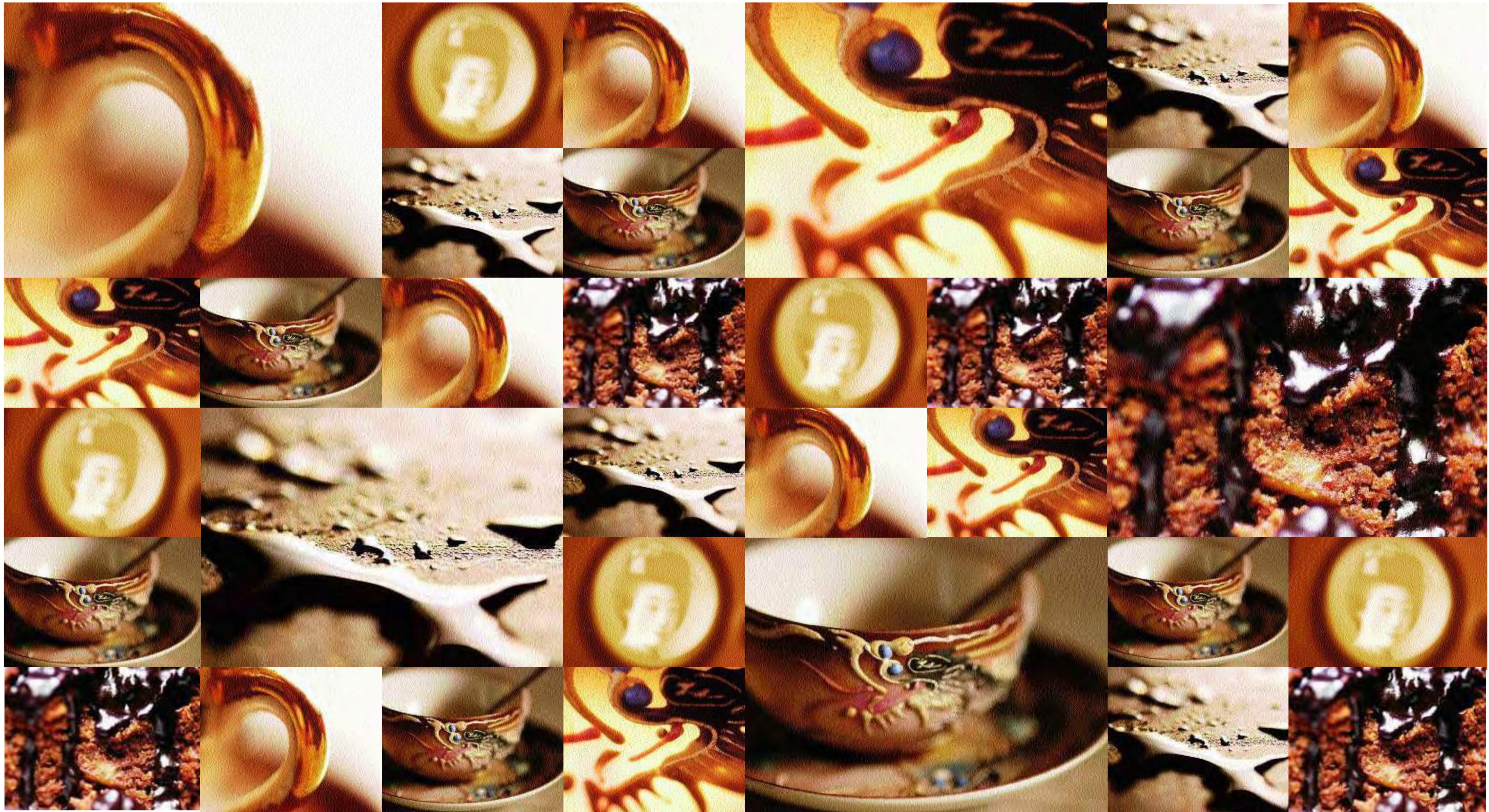
Veredas da mente

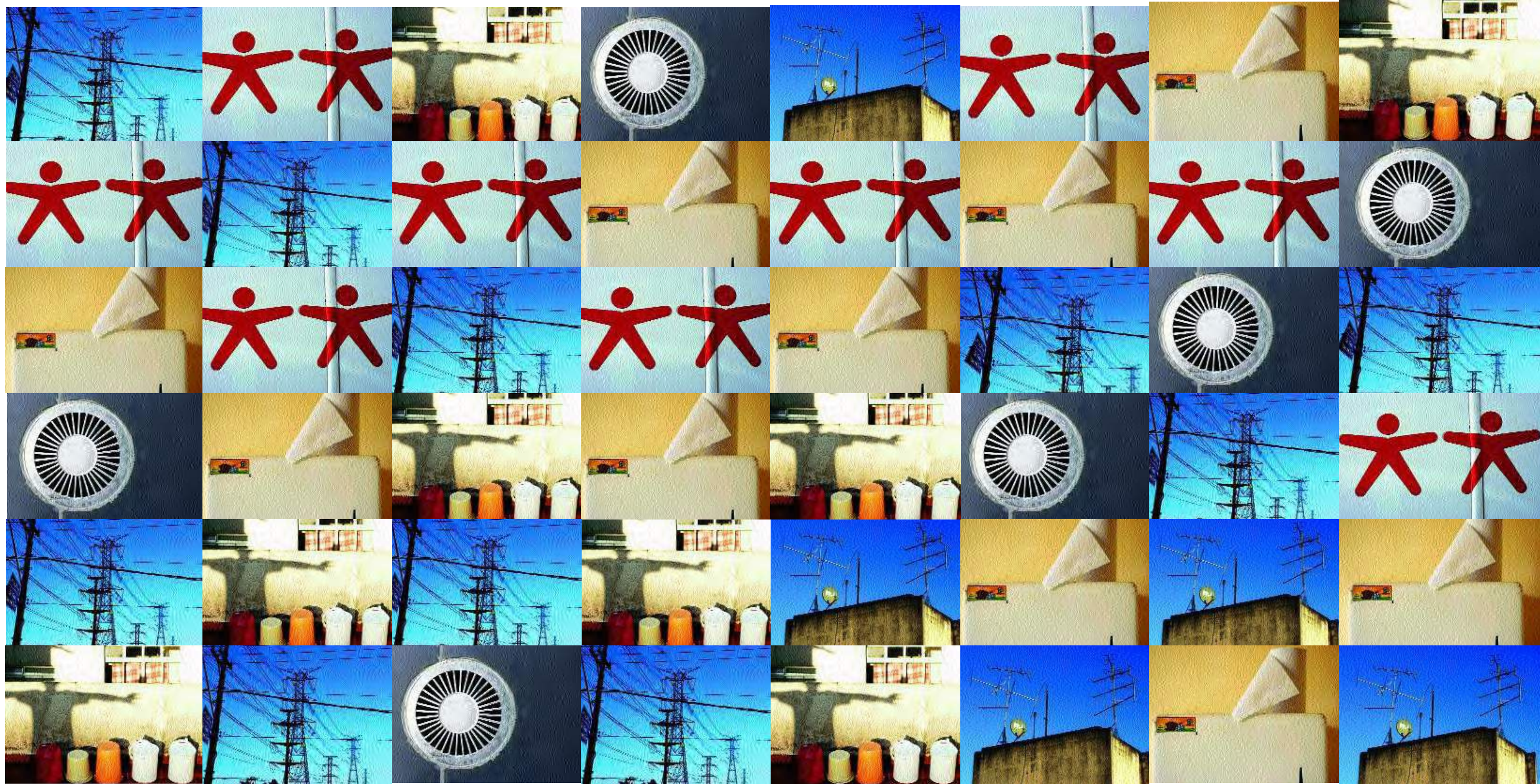
A noção comum sobre o que é imaginação não faz justiça a ela. Imaginação costuma ser confundida com fantasia, com a habilidade humana de sonhar, de criar mundos paralelos, de se entregar ao devaneio. Eu acho que essa é uma visão limitada – uma visão à qual falta... imaginação.

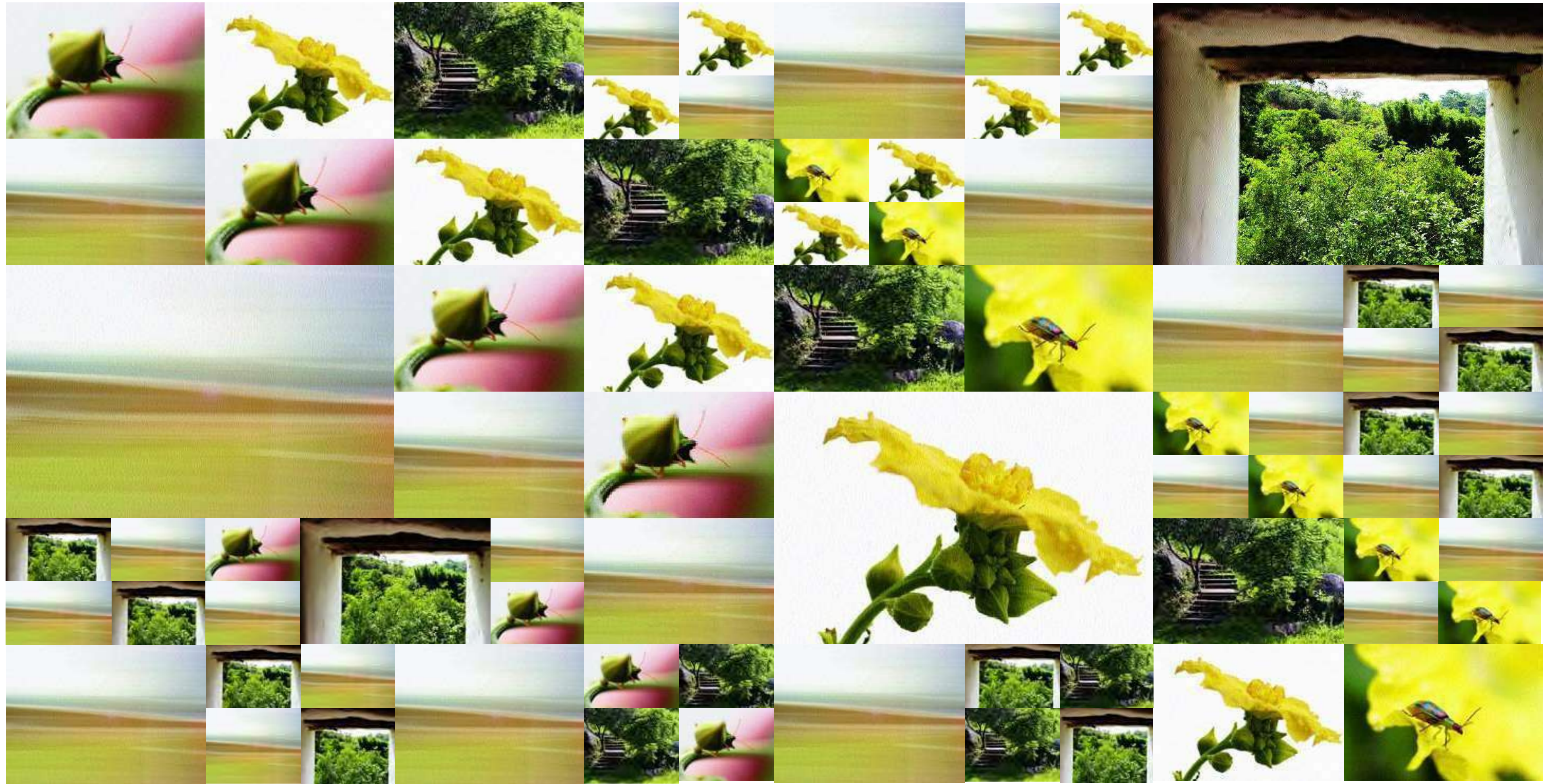
Imaginação é muito mais que isso. É, em uma frase, a principal faculdade que diferencia o homem dos outros animais. Atenção: não disse que ela o faz “superior” aos outros animais; mas que ela o faz único, peculiar, especial. Os animais têm instintos, emoções, intuições; têm até mesmo normas de comportamento, de moral; e algumas espécies desenvolveram sistemas mais complexos de comunicação e são mais capazes de aprendizado, de assimilar uma experiência para obter o que desejam, como os chimpanzés e os golfinhos. Se pudessem expressar o que sentem quando vêem a humanidade fazer alguns dos estragos que faz no planeta e em seus habitantes, essa seria uma expressão de repulsa. Mas tal poder de expressão só cabe ao homem porque ele é dotado de um tipo particular de consciência.

Consciência, sim. Imaginar não é uma operação mental que se passa apenas no inconsciente, como pensam muitos. Imaginação é colocar uma imagem em ação, é conceber um ato do qual possa prever algumas das conseqüências, é expressar uma conjectura para poder vê-la testada. É, em suma, ter idéias, ir além da cadeia de fatos que nos aprisiona à passividade. E para isso é necessário contar com todos os dotes de que a natureza humana se compõe: dos instintos, das emoções, das intuições – e também do raciocínio lógico, da tentativa consciente de associar causas e efeitos sem prejuízo das nuances, ironias e reversões. Imaginar é criar um curto-circuito entre pensar e agir. É improvisar com base em esforço, estudo, dedicação. É somar o real com o sonho e recolher com prazer o que sobra.

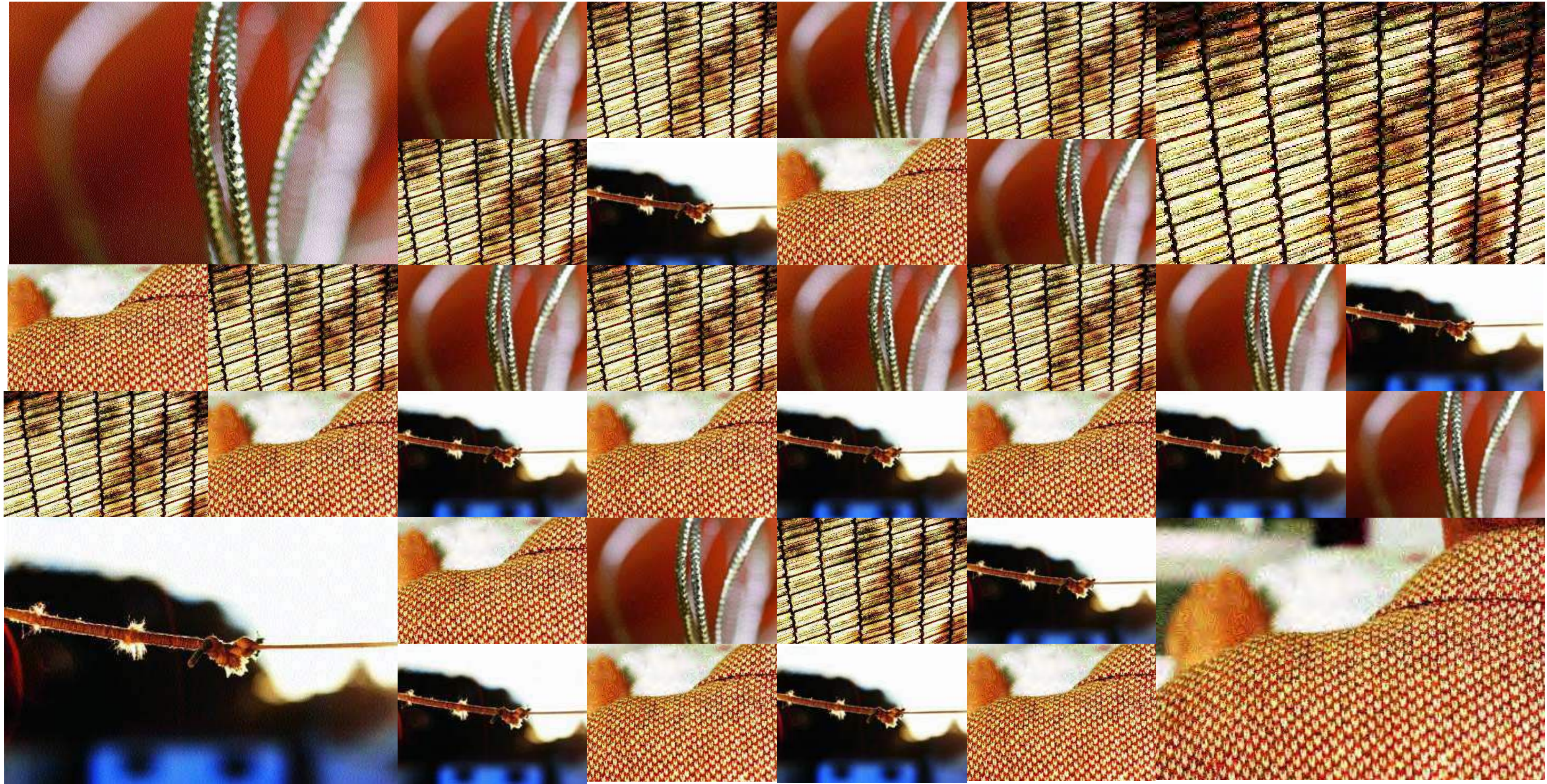
Pois o que caracteriza o ser humano é sua possibilidade limitada mas consistente de prever – mesmo que ele erre em tantas previsões, principalmente quando sai a classificar tudo e todos e a se meter em utopias. É reconhecer os padrões, as regularidades, para se projetar para além delas, e não para delas escapar. Imaginação é o dom de esboçar, de ensaiar. É, como dizia Guimarães Rosa, uma travessia, não uma chegada. Uma travessia que expande os horizontes, dilata os limites, lança as hipóteses. E tira mais de nós mesmos, para quem quiser ouvir, neste grande sertão em que vivemos.











Imaginação

Porque começamos do nada. Porque nada é pouco. Porque fomos feitos à imagem e semelhança cheios de diferenças entre si. Porque o impulso primitivo nos atirou nesse museu de cera, em nostalgia. Porque o futuro nos atira tanto quanto o passado nos rodeia. Porque as palavras se perderam das coisas. Porque nunca foi tão difícil saber pra que lado atirar. Porque os fatos não chegam a acontecer e as notícias são atropeladas pelos comentários. Porque os comentaristas não inspiram respeito e o respeito é a cortina de fumaça da desconfiança. Porque as florestas estão queimando. Porque a água está acabando. Porque o Sol está diminuindo e as carcaças abandonadas estão fedendo e espalhando o tétano da tradição. Porque as agendas podem muito bem ter congestão dos compromissos assumidos. Porque ficamos parados. Porque estamos aflitos. Porque não sabemos o que fazer do nosso lixo e isso nem é de hoje. Porque a geografia ficou em desalinho por tantas culturas. Porque há mais tolerância que entendimento e mais entendimento que comunhão. Porque as barreiras são insignificantes mas os muros são intransponíveis. Porque onde não há arame farpado as câmeras espreitam seu voyerismo. Porque os passaportes estão suando nos bolsos murchos. Porque as fronteiras cercam a prosperidade por todos os lados. Porque as propriedades e os desempregados estão falando sozinhos. Porque os cavalos dos hipódromos hereditários estão recebendo cestas básicas que não lhes convém. Porque as raças são racistas. Porque os sábios são intelectuais. Porque os artistas são conceituais. Porque os economistas são econômicos. Porque nos acostumamos a abaixar a cabeça e levantar as mãos. Porque as nossas mãos ficam atadas às malhas da rotina. Porque damos graças. Porque pode ser um confortável ninho de ratos. Porque as anestésias nos deixam acordados e os remédios nos fazem espertos. Porque os fenômenos químicos estão se tornando cada vez mais excitantes à nossa inseqüência. Porque a consciência é delimitada. Porque a clareza se transformou em impostura, a coragem travestiu-se de insolência e a burrice acumulou experiência. Porque há uma engrenagem, estamos de passagem, agarrando a paisagem com as unhas dobradas e os nervos esgarçados. Porque a ânsia e a ansiedade terminam por enjoar os espíritos. Porque somos insatisfeitos. Porque o desejo é proporcional à ignorância. Porque a ignorância é o dom divino ao chegarmos nesta vida. Porque Deus precisa ser chamado à responsabilidade pelo caos que desorganizou. Porque ninguém está

FERNANDO BONASSI

imune ao acaso das novas doenças. Porque as mais altas torres são derrubadas por seus sonhos de grandeza. Porque a arte não pode arcar com toda essa responsabilidade. Porque há a escravidão do tempo e a imensidão do espaço. Porque é preciso dotar os mapas de sentido. Porque o relevo é inconstante e os marcos indistintos. Porque os oceanos estão descongelando pelas bordas e as famílias estão cansadas de enfrentarem-se em almoços anuais. Porque a flacidez moral e a indecência organizada em associações de interesses nos trouxe à isto. Porque somos preguiçosos, ansiosos, belicosos. Porque queremos pão, lagosta e liberdade. Porque sugamos a terra, bebemos o vinho e ainda lotearemos Marte num condomínio revolucionário. Porque a espera é insuportável e o desfecho é infalível. Porque as datas de validade estão se esgotando diariamente. Porque há segurança onde deveria haver serenidade, há serenidade onde deveria haver espanto e há espanto onde deveria haver justiça. Porque a justiça contaminou a esperança e a esperança é sempre tardia, quando não falha. Porque os advogados estão engordando a olhos vistos e os juizes fingem que não vêem o que lhes passa diante da toga ilibada de concursos. Porque não podemos ficar à mercê da razão dos competentes. Porque o coração pode parar a qualquer momento das veias entupidas. Porque há um núcleo de magma incandescente no meio de cada um de nós. Porque a barbárie precisa ser delimitada pela inteligência... Contra as bulas, as fórmulas, os estratagemas. Contra a inocência conservadora e a malandragem degradante. Contra a influência perniciosa do bom senso e do mau gosto... você imagina... Você imagina o universo sobre a cabeça e o inferno aos seus pés. Você imagina que pode e que deve. Imagina que merece e que conhece. Você imagina contatos, negócios, dinheiro. Você imagina o galinheiro e a raposa. Você imagina o pai, a mãe e a esposa. Imagina uma comuna, um terremoto, um paraíso. Imagina uma máquina, uma fortuna, um destino. Você imagina poucas e boas. Sofre de prazer imaginando a dor que há de ter. Goza com isso. Fica culpado. Pede desculpas. Não adianta. Acossado pelos mortos, pelos tortos, pelos tiros, você imagina. Imagina porque é gostoso, um círculo vicioso! Imagina porque é erótico, porque é místico, porque é bucólico. Porque há teor alcoólico na imaginação embriagadora. Você imagina a presença de tudo. Imagina um pouco demais... delira de imaginação... então, entupido pelo imaginário, imagina o fim do mundo. Nada. Outra vez...







As Viagens de Minha Tia

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

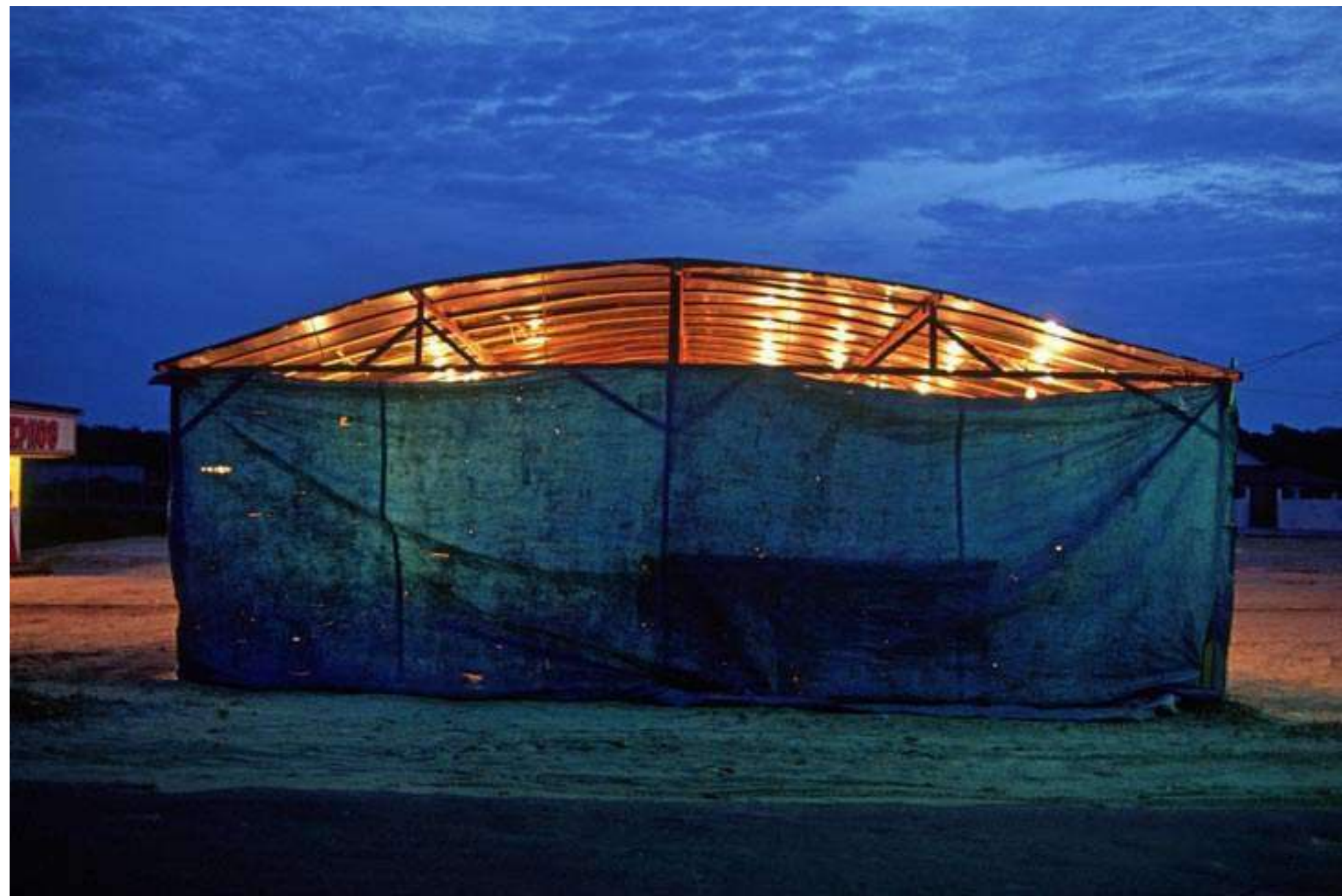
Na infância, eu tinha uma tia deliciosa. Sentava-me ao pé dela e ouvia histórias incríveis sobre viagens a países que não existiam, animais fenomenais, gente com poderes naturais e sobrenaturais. Ficava vidrado, deslumbrado com navios que voavam com a leveza de uma mariposa, carregando milhares de passageiros a bordo. Montanhas que se abriam e revelavam castelos, fortalezas, cidades, rios de ouro, minas de pedras preciosas. Mágicos que conheciam o futuro, sabiam todas as coisas que iam acontecer, conheciam as pessoas que nasceriam e usavam as invenções do futuro como bicicletas sem rodas, robôs que faziam todos os serviços, comidas contidas em comprimidos, livros sem páginas, escritos sem letras, cadeiras que flutuavam sem pernas, garrafas que serviam sozinhas, paredes sem tijolos, roupas sem tecidos, sapatos que faziam todos andarem velozmente, óculos que enxergavam através de paredes. Ah, como queríamos um óculos daqueles, mas tia Margarida dizia que por enquanto estavam vendendo somente aos cegos. E as canetas que escreviam sozinhas? Como procurei pelas papelarias uma dessas, para que fizesse as lições de casa e as provas do colégio!

Havia uma cidade onde se fabricava apenas chocolate, outra que tinha lagos e oceanos de refrigerantes, lagoas de sorvetes, desertos de açúcar. E se a gente fosse a esse deserto? eu queria saber. Ela respondeu, desolada: acabou de ser invadido pelas formigas amarelas. São formigas que devoram açúcar e crianças. Ah, o terror provocava um fascínio total! Tia Margarida sabia disso e explorava ao máximo, para que tivéssemos medo, muito medo. Depois, ria de nós. Animais violentos que dilaceravam crianças – sempre elas, as vítimas – peixes que engoliam pessoas e vomitavam bichos meio gente-meio peixe; elefantes com garras de tigre; jacarés com asas; hipopotamos monstruosos de grande, que viviam de comer baleias.

Por anos e anos, aquela tia nos encantou. Nem percebíamos que ela era parálitica, não se movia da cadeira. Até que um dia a ficha caiu e reunidos em volta dela, depois de ouvir tudo o que tinha de maravilhoso para nos contar, perguntamos à queima-roupa: “Como é que a senhora fala tanto em viagens, conta tantas novidades que ninguém sabe, se não pode andar, não se move dessa cadeira há anos e anos?” Ela, rindo, explicou o que foi a grande lição para o futuro de nossas vidas: “Viajo muito, porque viajo com a cabeça. Tudo o que faço, ando, corro, vejo, é com a imaginação. Ela é que me leva a tudo, a todas as partes, me apresenta gente notável e animais não inventados. A imaginação é minha vida, a minha riqueza, o meu movimento, minha alma. Sem imaginação eu estaria morta!”.











Um outro lugar

MARCELO COELHO

Ganhei, quando era criança, um livro sobre a conquista do espaço. Era por volta de 1969, ano em que o homem pisou na lua, mas o livro devia ser anterior. Não havia, ao que me lembro, fotos da Apollo 11. Predominavam as ilustrações “artísticas”: projetos de nossa ocupação em Marte, estações orbitais vagando no escuro, constelações desenhando carroças, Dianhas, arqueiros e leões com riscos brancos e arbitrários no ar.

Numa das primeiras páginas do livro havia um desenho colorido, inspirado numa gravura medieval: mostrava um homem atravessando o que se convencionou chamar de “abóbada celeste”: o céu era como uma redoma de cristal, o camponês passava por uma fenda através dela e descobria o espaço além do espaço, abismo negro onde flutuavam, cintilantes, heráldicas, desconexas, as engrenagens do universo.

Aquele camponês terá ido mais longe do que todos os astronautas. Podemos imaginar planetas de todo tipo, os extraterrestres mais estranhos, mas talvez estaremos fabricando apenas entidades novas com as peças já conhecidas, já manuseadas da memória. Podemos também cogitar, contudo, sobre a existência de um lugar inimaginável, além de todos os possíveis; e nossas construções mais extremas não chegariam a ser senão a precária tentativa de nos aproximarmos dele.

“Não se entra no país das maravilhas”, diz o poeta

Antonio Cicero,

pois ele fica do lado de fora,
não do lado de dentro. Se há saídas
que dão nele, estão certamente à orla
iridescente do meu pensamento,
jamais no centro vago do meu eu.

E se me entrego às imagens do espelho
ou da água, tendo no fundo o céu,
Não pensem que me apaixonei por mim.
Não: bom é ver-se no espaço diáfano
do mundo, coisa entre coisas que há
no lume do espelho, fora de si:
peixe entre peixes, pássaro entre pássaros,
um dia passo inteiro para lá.¹

“O país das maravilhas fica do lado de fora, não do lado de dentro”: ainda que se possa interpretar de muitas maneiras esses versos, tendo a acreditar no que eles dizem. Vale aproximá-los de um raciocínio do filósofo Theodor Adorno, no seu livro *Minima Moralia*.²

Adorno observa que não é possível estabelecer, com a felicidade, uma relação de posse. Não é certo dizer “temos felicidade”, “somos donos de uma coisa chamada felicidade”. Não a temos, diz Adorno, “mas sim *estamos* dentro dela.”

Ele continua: “a felicidade é sentir-se envolvido, é uma reminiscência do ventre materno. Por isso, quem é feliz nunca pode saber que o é. Para dar-se conta da felicidade seria necessário sair de dentro dela. Quem afirma ser feliz está mentindo, e, ao invocar a felicidade, peca contra ela. Só quem afirma: ‘fui feliz’ é fiel à felicidade. A única relação da consciência com a felicidade é a da gratidão: nisto consiste sua incomparável dignidade.”

O raciocínio, como costuma acontecer nos textos de Adorno, é meio vertiginoso, e me deixa com uma dúvida. Será possível dizer, de uma pessoa que afirma “sou feliz”, que ela está enganada? Que ela pensa ser feliz, mas não é? Como tendo a ser meio dono da verdade, minha primeira impressão é de que sim. Fulano acha que é feliz, mas (pobre dele!) está errado.

Ganhei, quando era criança, um livro sobre a conquista do espaço. Era por volta de 1969, ano em que o homem pisou na lua, mas o livro devia ser anterior. Não havia, ao que me lembro, fotos da Apollo 11. Predominavam as ilustrações “artísticas”: projetos de nossa ocupação em Marte, estações orbitais vagando no escuro, constelações desenhando carroças, Dianhas, arqueiros e leões com riscos brancos e arbitrários no ar.

Numa das primeiras páginas do livro havia um desenho colorido, inspirado numa gravura medieval: mostrava um homem atravessando o que se convencionou chamar de “abóbada celeste”: o céu era como uma redoma de cristal, o camponês passava por uma fenda através dela e descobria o espaço além do espaço, abismo negro onde flutuavam, cintilantes, heráldicas, desconexas, as engrenagens do universo.

Aquele camponês terá ido mais longe do que todos os astronautas. Podemos imaginar planetas de todo tipo, os extraterrestres mais estranhos, mas talvez estaremos fabricando apenas entidades novas com as peças já conhecidas, já manuseadas da memória. Podemos também cogitar, contudo, sobre a existência de um lugar inimaginável, além de todos os possíveis; e nossas construções mais extremas não chegariam a ser senão a precária tentativa de nos aproximarmos dele.

“Não se entra no país das maravilhas”, diz o poeta Antonio Cicero,

pois ele fica do lado de fora,
não do lado de dentro. Se há saídas
que dão nele, estão certamente à orla
iridescente do meu pensamento,
jamais no centro vago do meu eu.

E se me entrego às imagens do espelho
ou da água, tendo no fundo o céu,
Não pensem que me apaixonei por mim.
Não: bom é ver-se no espaço diáfano
do mundo, coisa entre coisas que há
no lume do espelho, fora de si:
peixe entre peixes, pássaro entre pássaros,
um dia passo inteiro para lá.¹

“O país das maravilhas fica do lado de fora, não do lado de dentro”: ainda que se possa interpretar de muitas maneiras esses versos, tendo a acreditar no que eles dizem. Vale aproximá-los de um raciocínio do filósofo Theodor Adorno, no seu livro *Minima Moralia*.²

Adorno observa que não é possível estabelecer,

com a felicidade, uma relação de posse. Não é certo dizer “temos felicidade”, “somos donos de uma coisa chamada felicidade”. Não a temos, diz Adorno, “mas sim *estamos* dentro dela.”

Ele continua: “a felicidade é sentir-se envolvido, é uma reminiscência do ventre materno. Por isso, quem é feliz nunca pode saber que o é. Para dar-se conta da felicidade seria necessário sair de dentro dela. Quem afirma ser feliz está mentindo, e, ao invocar a felicidade, peca contra ela. Só quem afirma: ‘fui feliz’ é fiel à felicidade. A única relação da consciência com a felicidade é a da gratidão: nisto consiste sua incomparável dignidade.”

O raciocínio, como costuma acontecer nos textos de Adorno, é meio vertiginoso, e me deixa com uma dúvida. Será possível dizer, de uma pessoa que afirma “sou feliz”, que ela está enganada? Que ela pensa ser feliz, mas não é? Como tendo a ser meio dono da verdade, minha primeira impressão é de que sim. Fulano acha que é feliz, mas (pobre dele!) está errado.

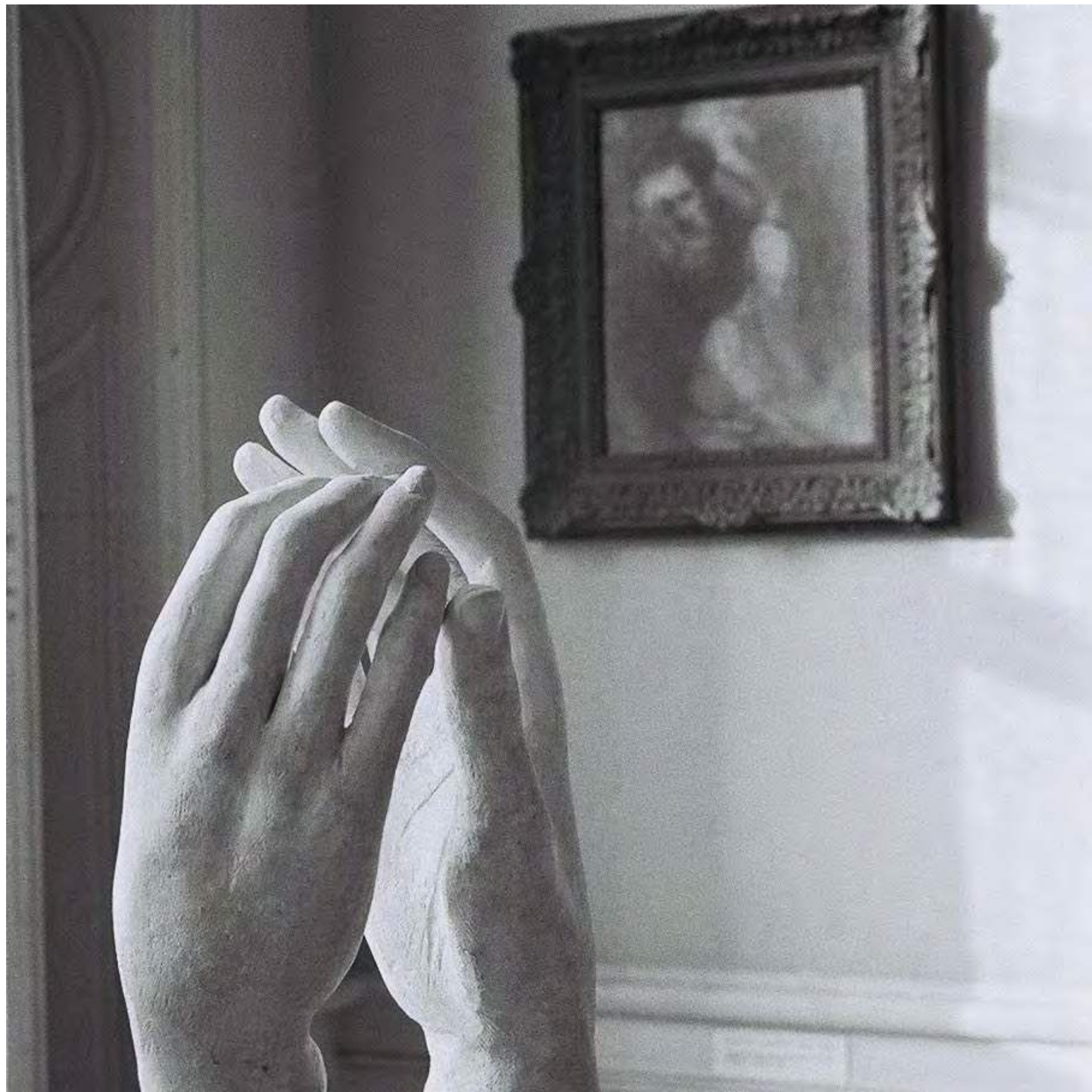
Tento transferir, contudo, esse raciocínio para a primeira pessoa. Posso perfeitamente declarar que, no presente momento, sou feliz. Estarei mentindo para mim mesmo? Talvez. O mais exato seria dizer que estou passando por cima de algumas coisas; faço uma generalização, e de certa maneira estou conciliando uma avaliação genérica sobre o meu estado de espírito e a consciência de uma série de descontentamentos e imperfeições com que convivo.

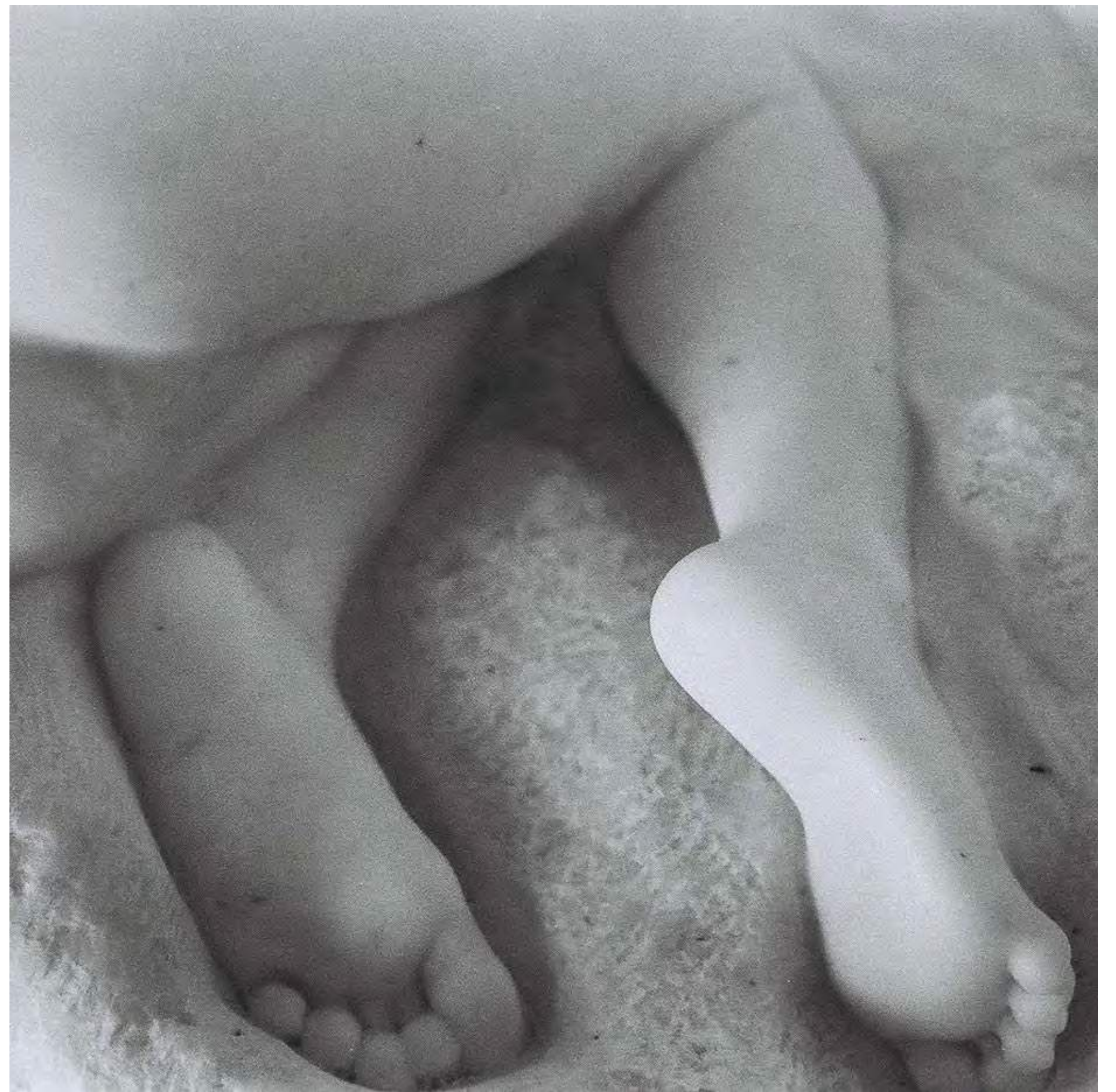
Se, para Adorno, a única relação da consciência com a felicidade é a gratidão, não haveria nessa frase uma ingratidão para com o momento presente? Na tragédia de Goethe, Fausto experimenta um instante de plenitude e pede que aquele instante, tão belo, perdure eternamente: “verweile doch, du bist











Papel Higiênico

O papel higiênico desenrola sozinho. E sem qualquer ruído. Duraí percebe de imediato, pois está na sala sem janelas. Se fosse no banheiro, contra o branco dos ladrilhos, poderia confundir. Na sala, quase brilha a faixa bem clara que pende do rolo embutido na parede. Toca o chão e se estica, perto da meia mesa de sinuca. Claro, outra idéia de Alenc, seu irmão.

- Assim fica mais divertido, só quatro caçapas e um lado sem borda.

Ele inventou a meia mesa e a regra: se a bola cai no chão, o lance seguinte é jogado com o taco parênteses, ou seja: como um arco. Só Alenc consegue usar sua invenção como se fosse um taco reto.

O papel higiênico se estica mais pelo chão, cobra lenta. Coisa do irmão ou do tio? Duraí quer acender alguma luz, mas não acha a almofadinha roxa. Todos os comandos elétricos da sala estão embutidos nela. Quando se aperta, ninguém sabem qual das luzes será acesa. Tio Torale, criador do comando roxo sem fio, estimula o pulso básico da família: nada deve ser do jeito que é.

- A vida é uma só pra desperdiçar repetindo o que todo mundo já fez igual.

Mas Duraí preferia o papel higiênico no banheiro - e parado! -, as tomadas junto das portas, mesa de sinuca completa. Ela nem sai mais de casa às sextas, depois da tal pílula. Tio Torale tinha oferecido e ela não acreditou que funcionasse. Agora, toda sexta, vinha aquela cocerinha no mindinho da mão esquerda. No fim da manhã, o sexto dedo já estava lá, com unha e tudo. Uma delícia ficar coçando aquele dedo o dia inteiro. De noite, quando se aproximava o momento do sexto dedo desaparecer, ela se surpreendia lamentando. Mas, no sábado, assim que abria os olhos, conferia se tinha de novo apenas cinco dedos.

Depois do vai e vem do mindinho, ela nem quis ver a gaiola de Daumin, o melhor amigo do tio. Ele queria que Duraí experimentasse o olho da coruja. Um transplante temporário, reversível. A vantagem: enxergar no escuro. (Seria até útil no caso do papel higiênico assanhado). Daumin garantiu que não havia risco, desde que ela não virasse muito a cabeça.

- Por causa do implante temporário, você pode sentir, uma vontade forte de virar muito a cabecinha, uns 180 graus, mais ou menos.

E o papel higiênico avança pelo chão da sala. Segue na direção do corredor, onde está o banheiro, sem pia nem espelho. Mas para Duraí, a melhor invenção do trio é o livro Matul. Você abre, lê uma página, fecha e espera o tempo combinado. Ao abrir de novo na mesma página, todas as letras trocaram de lugar e oferecem uma história nova. Só não pode ficar abrindo e fechando muitas vezes seguidas - as palavras grudam umas nas outras e ninguém separa mais. Tio Torale, quando trouxe o livro, perguntou:

- Vocês acham mesmo que a vida é só o que eles deixam?

(Se você fechar este livro, esperar o tempo certinho - um segundo que seja faz diferença, hein? -, quando abrir de novo, Duraí descobre que as unhas dos pés da mesa da sala cresceram mais de um lado do que de outro. Alenc não percebe o motivo e a todo momento põe um calço maior).

RICARDO TELES











O navio da imaginação

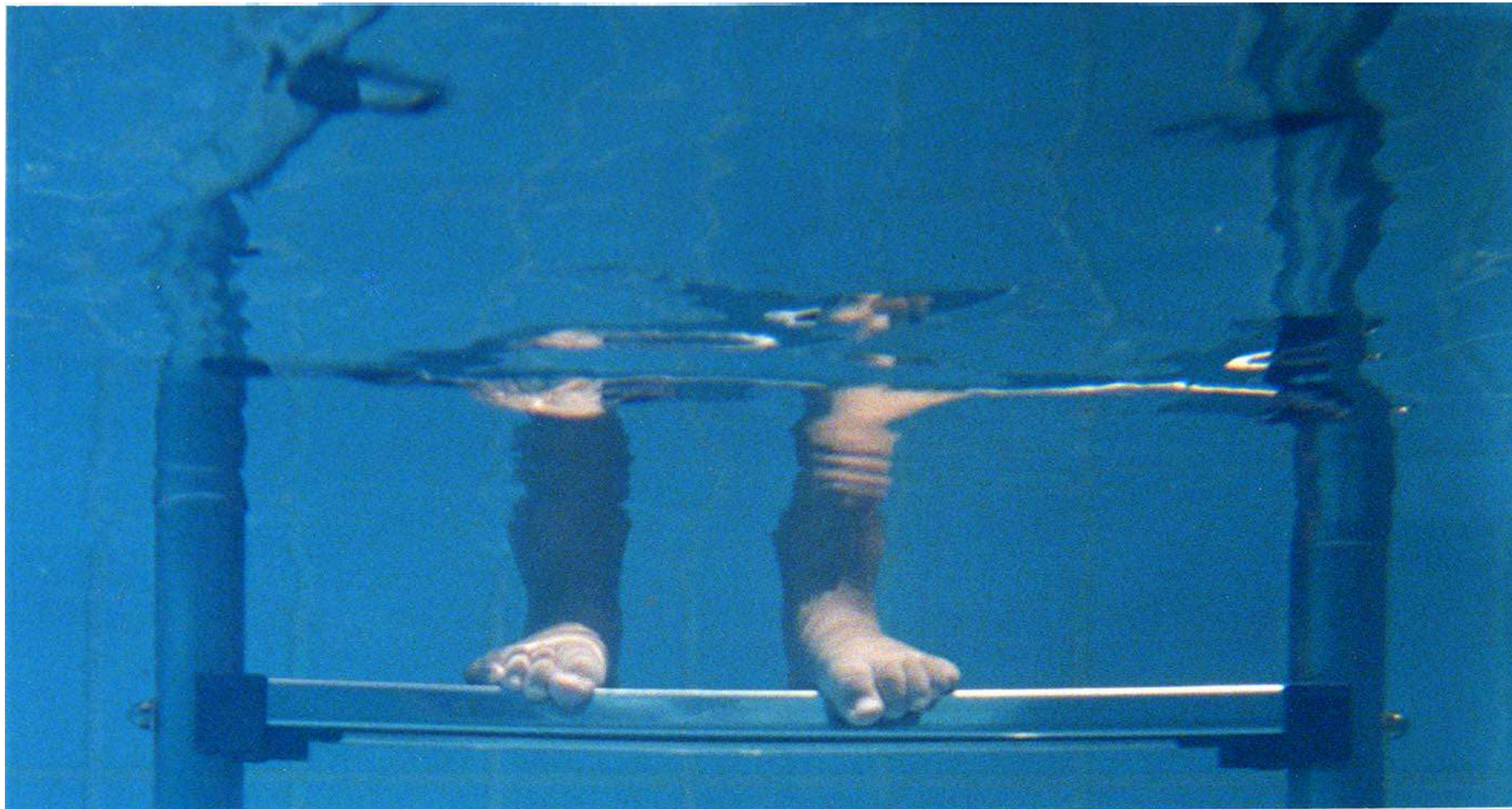
Não é preciso muita imaginação para arranjar uma metáfora sobre aquilo que vem a ser imaginação. A imagem - e imagem é a própria origem da palavra imaginação - que me ocorre é a de um navio, um navio que singra mares bravios em busca de distantes horizontes. Que surpresas, que prodígios, reserva a este navio o futuro? Isto não sei dizer, posso apenas imaginar, mas sei dizer de onde veio a imagem. A lembrança (que não é o contrário da imaginação, mas sim seu complemento) transporta-me para a casa em que, criança, morei no bairro do Bom Fim, em Porto Alegre. Meus pais, imigrantes judeus-russos eram pobres; a casa, alugada, era pequena, acanhada, não dispunha os confortos que hoje as pessoas consideram indispensável, tais como geladeira, fogão a gás ou mesmo água quente. Mas essa casa tinha um quintal, tomado por um viçoso capinzal; e, no meio desse capinzal, havia um velho caixote de madeira semi-apodrecida, ali abandonado há tempo. Pois para mim o capinzal era o mar e o caixote era o navio. Intrépido comandante, eu determinava o rumo. Muitas terras assim visitei, muitos lugares longínquos conheci, muitos inimigos venci - sem sair do quintal, sem sair do bairro do Bom Fim. Lá pelas tantas o navio imaginário deu lugar ao texto escrito e aí de novo saí a navegar. E, felizmente, nunca mais parei.











O militar na floresta

Ao subir uma trilha nos Pirineus em busca de um lugar onde pudesse praticar o arco e flecha, deparei-me com um pequeno acampamento do exército francês. Os soldados me olharam, eu fingi que não estava vendo nada (todos nós temos um pouco esta paranóia de sermos considerados espiões...) e segui adiante.

Achei o lugar ideal, fiz os exercícios preparatórios de respiração, e eis que vejo um veículo blindado se aproximando.

Na mesma hora me coloquei na defensiva, e preparei todas as possíveis respostas para as perguntas que me seriam feitas: tenho permissão de usar o arco, o local é seguro, qualquer palavra em contrário cabe aos guardas florestais e não ao exército, etc... Mas eis que salta do veículo um coronel, pergunta se eu sou o escritor, relata alguns fatos interessantíssimos sobre a região.

Até que, vencendo a timidez quase visível, diz que também escreveu um livro: e me conta a curiosa gênese de seu trabalho.

Ele e sua mulher faziam doações para uma criança leprosa que originalmente vivia na Índia, mas que depois foi transferida para a França. Um belo dia, curiosos de conhecer a menina, foram até o convento onde freiras se encarregavam de tomar conta. Foi uma tarde linda, e no final pediram uma freira pediu que ele ajudasse na educação espiritual do grupo de crianças que ali vivia. Jean Paul Sétau (este é o nome do militar) disse que não tinha qualquer experiência em aulas de catecismo, mas que iria meditar, e perguntar a Deus o que fazer.

Naquela noite, depois de suas orações, escutou a resposta: “ao invés de dar respostas, procure saber o que as crianças querem perguntar”.

A partir daí, Sétau teve a idéia de visitar várias

escolas, e pedir que os alunos escrevessem tudo que gostariam de saber a respeito da vida. Pediu que as perguntas fossem feitas por escrito, evitando desta maneira que os mais tímidos tivessem medo de se manifestar. O resultado do seu trabalho foi reunido em um livro – “A criança que quer saber tudo” (Ed. Altess, Paris).

A seguir, algumas das perguntas:

Onde vamos depois da morte?

Por que nós temos medo de estrangeiros?

Existem marcianos e extra-terrestres?

Por que acontecem acidentes mesmo com gente que acredita em Deus?

O que significa Deus?

Por que nascemos, se morremos no final?

Quantas estrelas tem no céu?

Quem inventou a guerra e a felicidade?

O Senhor também escuta aqueles que não acreditam no mesmo Deus (católico)?

Por que existem pobres e doentes?

Por que Deus criou mosquitos e moscas?

Por que o anjo da guarda não está perto quando estamos tristes?

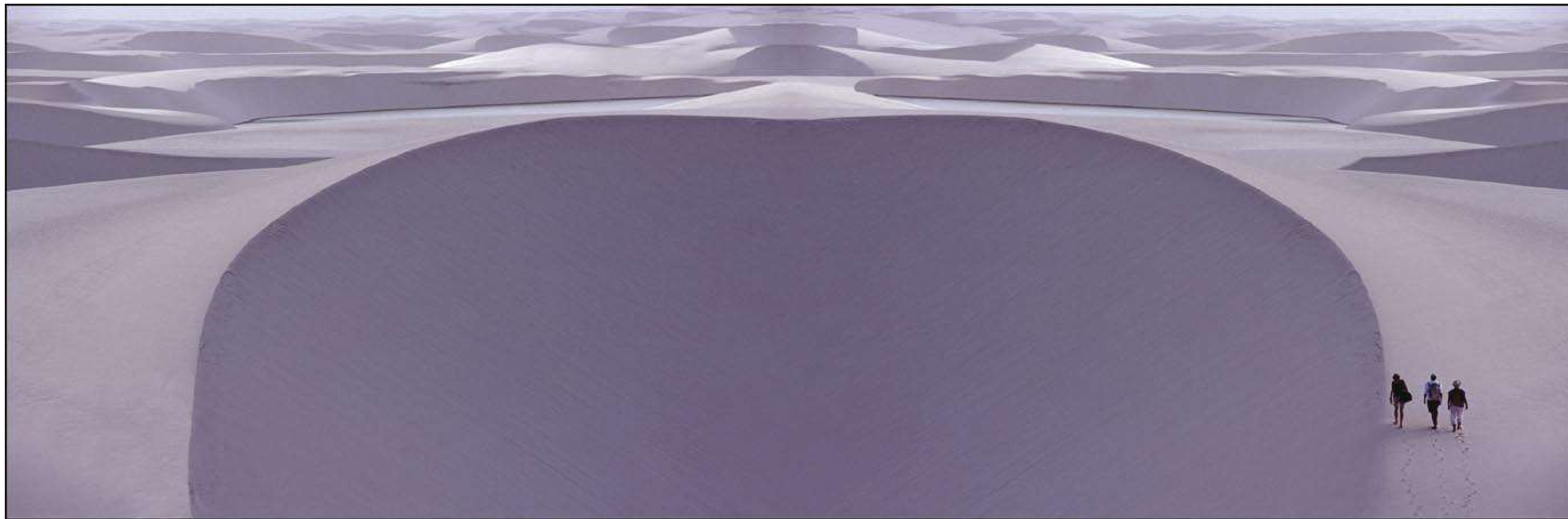
Por que amamos certas pessoas, e detestamos outras?

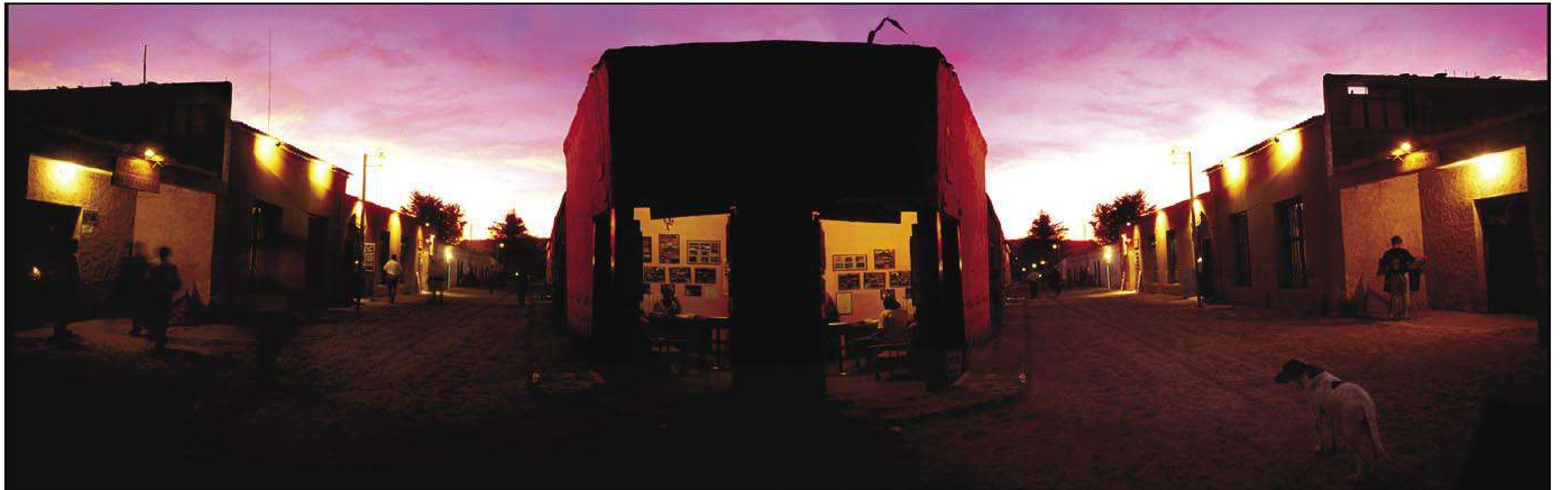
Quem deu nome às cores?

Se Deus está no céu, e minha mãe também está lá porque morreu, como é que Ele pode estar vivo?

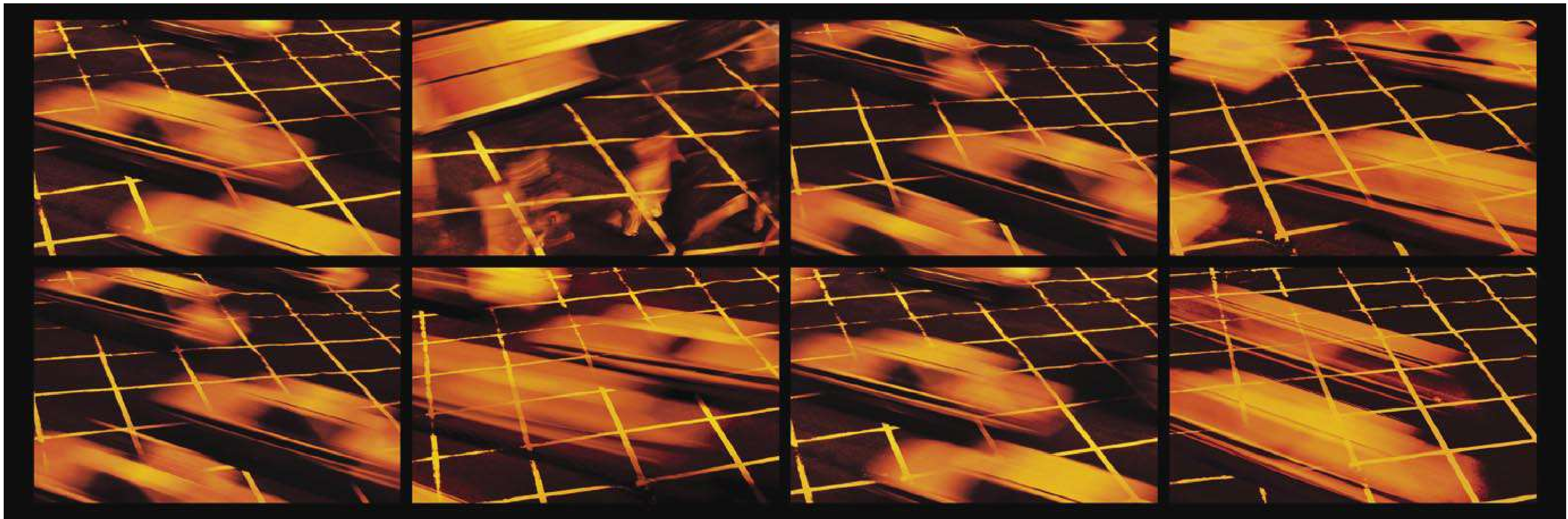
Oxalá alguns professores ou pais, lendo esta coluna, sintam-se estimulados a fazer a mesma coisa. Desta maneira, ao invés de tentar impor nossa compreensão adulta do universo, terminaremos por lembrar algumas de nossas perguntas da infância – que na verdade jamais foram respondidas.











Liberdade

ROBERTO SHINYASHIKI

Ah !!! a nossa imaginação !!!

Tudo acontece nesse espaço de nossa mente

A sensação de liberdade e o aprisionamento, que definem a qualidade de vida de uma pessoa, acontecem sempre dentro da imaginação do indivíduo...

A dor na vida é sempre inevitável, mas o sofrimento é opcional...

Pense nisto alguns segundos: você é livre; tem direito de escolher com quem e como vai viver.

Você pode mudar a sua vida se ela não estiver do jeito que você quiser. Você todos os dias escolhe os seus caminhos

Você pode estruturar a sua vida do jeito que quiser.

Porque você é livre!

Você é livre para sofrer tudo o que você quiser!

Perceba que a sua liberdade lhe dá condições para sofrer tudo o que você quiser. A cara fechada de seu marido, que está resfriado, pode provocar uma crise conjugal de um mês.

Por causa de uma buzina no trânsito, você pode se irritar o dia inteiro.

Com a inflação do mês, você entra em depressão profunda.

Porque você é livre!

Nada ou ninguém pode impedir você de sofrer tudo o que você quiser.

Perceba que nem mesmo muito dinheiro pode impedir você de se sentir pobre.

Nem um grande pode impedir você de se sentir mal amado.

Nem muitos amigos podem impedir você de se sentir solidário.

Nem mesmo o sucesso pode impedir você de se sentir um fracasso.

Porque você é livre!

Você só vai parar de sofrer quando quiser.

Perceba que a opção pelo sofrimento é sua.

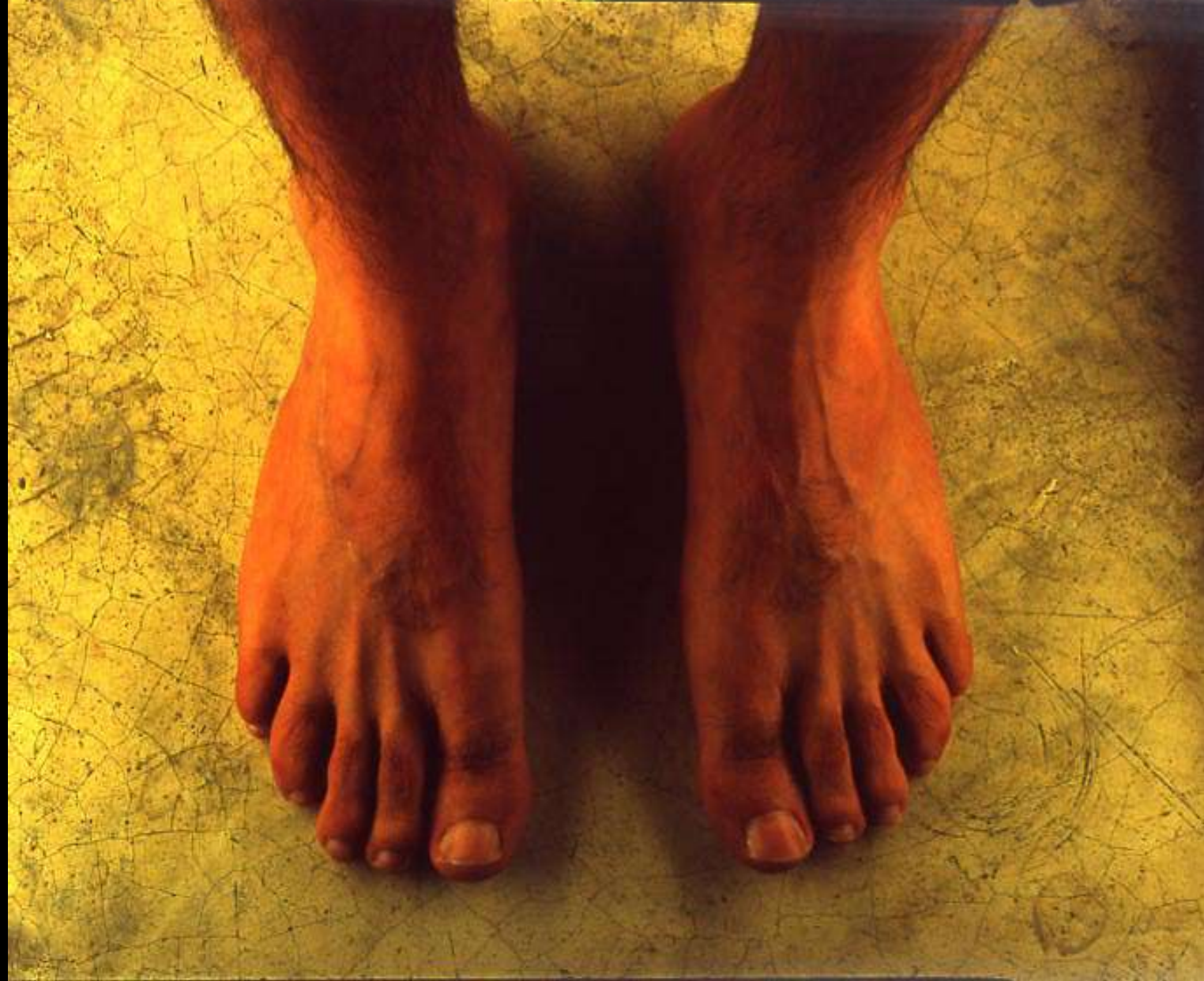
Quando tiver um problema, pode resolvê-lo e crescer ou se martirizar com ele o resto da vida.

Algumas pessoas decidem estar no mundo para viver, outras para sofrer. E pensam que é seu destino sofrer. Isso é uma ilusão.

Só quando tomar uma decisão você vai parar de sofrer.

Porque você é livre!











“Que seria de nós sem o socorro do que não existe?”

Paul Valéry

“Mesmo o mais corajoso entre nós só raramente tem coragem para aquilo que ele realmente conhece”, observou Nietzsche. Camus acrescentou um detalhe acerca da hora quando a coragem chega: “Só tardiamente ganhamos a coragem de assumir aquilo que sabemos”. Só tardiamente. Foi o que aconteceu comigo. Eu sabia mas não tinha coragem de dizer. O mundo universitário que me cercava me amedrontava. Por prudência optei pelo silêncio. Aí, de repente, uma criança entrou na minha vida, tardiamente. Uma filha temporã. Foi ela que me fez ter coragem. Penso que Bachelard deve ter tido experiência semelhante. Se assim não fosse, como poderia ter afirmado que “a inquietação que temos pela criança sustenta uma coragem invencível”?

Foi a criança que me deu coragem para que eu deixasse que o inventor de estórias que em mim vivia calado pelo medo, falasse. “Estória”, não “histórias, contrariando assim dicionários e revisores. O mundo dos escritores não é o mundo dos gramáticos. Guimarães Rosa tinha o mesmo problema. Começa Tutaméia afirmando: “ A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História”. A “história” nos abre o mundo das coisas acontecidas no passado. Mas as “estórias”, nos levam para o mundo das coisas que nunca aconteceram e só existem na imaginação.

Disse que sou um “inventor” de estórias. Mas não é bem assim. As estórias não são inventadas pelo escritor da mesma forma como as músicas não são compostas pelo compositor. Estórias e músicas já existem em algum lugar místico. Escritores e compositores são seres que têm a graça de, repentinamente, se defrontarem com essas entidades, vindas não se sabe de onde, como se fossem emissárias de um outro mundo. Fernando Pessoa se espantava com isso e dizia que era como se um anjo que não conhecemos descesse à terra e com suas asas soprasse as brasas de lugares esquecidos... Uma coisa é certa: ao terminar a estória

vem o espanto de que a tenhamos escrito. E perguntamos: “Por que escrevi isto? Onde fui buscar isto? De onde me veio isto? Isto é melhor do que eu... Seremos nós neste mundo apenas canetas com tinta com que alguém escreve a valer o que nós aqui traçamos?”.

Aconteceu assim comigo, sem se anunciar, de repente, sem preparo, sem credenciais. As estórias começaram a aparecer porque havia uma menina que precisava delas. Sim, precisava delas...

De noite, quando eu terminava a estória, ela me perguntava: “Papai, esta estória aconteceu de verdade?” Ela não era boba. Pequena, já tinha um agudo senso de realidade. Pássaros encantados, gigantes verdes, dragões dourados, panteras que falam, flores que empinam pipas, sementinhas que têm medo, gansos que envelhecem ficando cada vez mais leves até que voam na direção das montanhas onde cresce o fruto mágico vermelho – não são seres desse mundo. Nunca existiram. Assim conclui-se obrigatoriamente que as estórias são feitas com mentiras. Mas mentira é uma palavra tão feia! Ela tem o poder de matar qualquer palavra. Acontecia, entretanto, que minha filha amava as estórias. Elas eram belas, ela ficava encantada ao ouvi-las. O seu coração exigia que fosse verdadeira. O amor deseja a eternidade da coisa amada. Acho que o Padre Antônio Vieira deveria ter acabado de ouvir uma estória bonita quando escreveu: “Se os olhos vêem com amor o que não é, tem de ser”. Minha filha filosofava sem saber. Perguntava-me sobre o estatuto ontológico da imaginação, lugar onde moram as estórias. E eu não podia dar a resposta. Era muito difícil para ela. A resposta seria: “Esta estória não aconteceu nunca para que aconteça sempre”. Romeu e Julieta, A Bela adormecida, Cinderela, Édipo, Amor nos tempos do cólera, A terceira margem do rio, O operário em construção: essas estórias não aconteceram nunca. Mas a despeito disso queremos lê-las de novo, e todas as vezes que as

re-lemos elas acontecem. A Palavra se faz carne... Prova disso são os tremores que percorrem nosso corpo, ora como riso, ora como choro. Se tivessem acontecido de fato elas seriam criaturas da história, tempo do “nunca mais”. “Never more, never more”, repetia o corvo de Poe. “Nunca mais” é o tempo dos mortos, das sepulturas, do sem volta. Mas as estórias são criaturas do tempo da imaginação, tempo do eterno retorno, das repetições, das ressurreições. Quando se conta de novo uma estória aquilo que nela aconteceu no passado imaginário se torna vivo no presente. Sim, já ouvimos a música muitas vezes. Sabemo-la de cor. Mas queremos ouvi-la de novo para sentir a sua beleza sempre presente, para rir e chorar. Assim é o tempo da imaginação. A alma é o lugar onde o amor guarda o que não aconteceu, sob a forma da imaginação, para que aconteça sempre.

Havíamos ido ao cinema ver o E.T. Minha filha, cinco anos, chorava convulsivamente ao voltar para a casa. Depois do lanche quis consolá-la das lágrimas que não paravam. “Vamos lá fora procurar a estrelinha do E.T.!” , sugeri. Ela me acompanhou. Mas o céu se cobrira de nuvens. Não havia nenhuma estrela visível. Fiquei sem saber o que dizer. Improvisei, então. Corri para trás de uma árvore e disse: “Venha! O E.T. está aqui!” Ela parou de chorar, olhou-me séria e disse com voz firme: “Papai, não seja bobo. O E.T. não existe”. Essa resposta realista e fria pegou-me desprevenido. Me defendi. Armei um xeque mate: “Não existe? Então, por que é que você estava chorando?” O seu choro não era uma evidência de que ela acreditava na existência do E.T.? Mas quem levou o xeque fui eu. Foi isso que ela me respondeu: “Eu estava chorando por isso mesmo, porque o E.T. não existe”.

Eu, tolo, misturara o que não podia ser misturado. Tirara o E.T. do mundo da fantasia onde vivia – uma estrela distante, provavelmente vizinha da estrela sorridente, morada do Pequeno Príncipe - e o matara ao trazê-lo para o mundo real. Ela sabia mais do que eu. Sabia que o E.T. só existia no mundo da fantasia.

Até a minha intervenção desastrada o E.T. era real. A estória estava acontecendo. Por isso ela chorava. A alma chora pelo que não existe. Mas o seu choro parou de repente quando tirei o E.T. de sua estrela distante e o coloquei atrás da árvore do meu jardim. Acho que Fernando Pessoa teve muitos choros parecidos com o choro de minha filha. E foi para explicar o sem razões dos seus choros que ele escreveu: “o que me dói não é o que há no coração, mas essas coisas lindas que nunca existirão...”

Ri muito ao re-ler, depois de muitos anos, o Cem anos de solidão. E sempre choro ao ler os poemas da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen. Por que rimos e choramos por aquilo que não existe, aquilo que é fantasia? A resposta é simples: choramos e rimos porque a alma é feita com o que não existe, coisa que só os artistas sabem. “Somos feitos da mesma matéria dos nossos sonhos”, afirmava Shakespeare. Com o que concorda Manoel de Barros, rude poeta do Pantanal: “Tem mais presença em mim o que me falta”. E Miguel de Unamuno:

“Recuerda, pues, o sueña tú, alma mía
-la fantasía es tu sustancia eterna –
lo que no fué;
con tus figuraciones hazte fuerte,
que eso es vivir, y lo demás es muerte.”

As estórias são flores que a imaginação faz crescer no lugar da dor. Minhas estórias cresceram das dores da minha filha, que eram minhas próprias dores. Por isso disse que comecei a escrever porque ela precisava delas, das estórias. Curar a dor, isso elas não podem fazer. Mas podem transfigurá-la. A imaginação é a artista que transforma o sofrimento em beleza. E a beleza torna a dor suportável. Por isso escrevo estórias: para realizar a alquimia de transformar dor em flor. Minhas estórias são as minhas poções mágicas... Não há contra-indicações e nem é preciso receitas...